



3067 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultos

EDUCAÇÃO DE ADULTOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM: UM ESTUDO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE MOBILIZAÇÃO À QUALIDADE DO ENSINO

Ricardo Augusto Gomes Pereira - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/UFPA/ ICED

RESUMO

A situação de ausência de qualidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem possibilidade de promover a mobilização de professores, gestores e sociedade em prol do padrão de ensino? Esse foi o questionamento que norteou a reflexão em torno da situação da educação de adultos na Região Metropolitana de Belém (RMB), a qual visou entender a relação entre qualidade e mobilização e sua afinidade com o padrão do ensino. O artigo constitui-se em uma análise crítico-interpretativa de narrativas de professores e gestores acerca da situação da educação de adultos em uma escola de cada município da referida região (Belém, Ananindeua, Marituba e Benevides). Os resultados e considerações finais confirmam o estado de baixo padrão de qualidade pela qual a educação de adultos se encontra na RMB, mas também apontam a possibilidade de mobilização e sua consequente reivindicação pela ampliação do desenvolvimento da EJA.

Palavras-Chave: Educação de adultos. RMB. Mobilização. Qualidade.

EDUCAÇÃO DE ADULTOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM: UM ESTUDO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE MOBILIZAÇÃO À QUALIDADE DO ENSINO

Ricardo Augusto Gomes Pereira (UFPA)

pereiraric19@gmail.com

Carlos Jorge Paixão (UFPA)

carlosjpaixao@hotmail.com

RESUMO

A situação de ausência de qualidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem possibilidade de promover a mobilização de professores, gestores e sociedade em prol do padrão de ensino? Esse foi o questionamento que norteou a reflexão em torno da situação da educação de adultos na Região Metropolitana de Belém (RMB), a qual visou entender a relação entre qualidade e mobilização e sua afinidade com o padrão do ensino. O artigo constitui-se em uma análise crítico-interpretativa de narrativas de professores e gestores acerca da situação da educação de adultos em uma escola de cada município da referida região (Belém, Ananindeua, Marituba e Benevides). Os resultados e considerações finais confirmam o estado de baixo padrão de qualidade pela qual a educação de adultos se encontra na RMB, mas também apontam a possibilidade de mobilização e sua consequente reivindicação pela ampliação do desenvolvimento da EJA.

Palavras-Chave: Educação de adultos. RMB. Mobilização. Qualidade.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem se constituído em uma reivindicação há muito reclamada pela população brasileira, mas que somente a partir da década de 1990 passou a ser atendida e compreendida em suas peculiaridades, no entanto, atualmente é ameaçada pela vulnerabilidade social e política a qual o país vem sendo exposto, especificamente, a parcela da população que mais precisa de atendimento educacional, nos últimos tempos vem sendo sistematicamente ameaçada em seus direitos e conquistas.

Em nome de uma suposta reforma administrativa provocada pelo ajuste fiscal promovido pelo governo federal, intensificado no ano de 2016, tem sido realizado o desmonte de órgãos do Ministério da Educação – MEC, ligados à administração de setores estratégicos que agiam na gestão do sistema educacional e da Educação de Jovens e Adultos, como SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Ressalta-se que esse órgão foi criado para articular movimentos sociais e sistemas de ensino em prol da promoção da EJA, Educação Escolar Indígena, Quilombola e Educação Especial, enfim o atendimento da diversidade populacional brasileira que está se vendo desprovida das políticas de suporte ao seu desenvolvimento.

Esse clima de instabilidade tem se configurado como atos de profunda violência contra os direitos constitucionais adquiridos pela população, já que estão sendo sistemáticos os cortes e verbas para o desenvolvimento científico e educacional no Brasil e que não se apresentam como temporários, considerando que tais cortes estão previstos para os próximos vinte anos, conforme estabelece a Proposta de Emenda Constitucional – PEC nº 55/2016. Essas medidas atingiram em cheio a Educação de Jovens e Adultos já que a escalada de má qualidade dessa modalidade há muito já vinha se configurando no país, visto que dos 3,4 milhões de jovens e adultos que frequentavam a escola em 2014, 4,5% foi diminuído em 2015, segundo dados do Censo Educacional de 2015, que segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, desde 2007, essa vem sendo a média decrescente nas matrículas dessa modalidade.

A ausência de qualidade da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é histórica, considerando que desde o final do século XIX o analfabetismo caracterizou grandes parcelas da população brasileira, que segundo Azevedo (2001, p.25) "No início deste século, os índices de analfabetismo atingiam cerca de 80% do total da população. Entre os contingentes de quinze anos ou mais, esse índice era de 65%, situação que se manteve praticamente a mesma até o limiar da década de 20". Ainda segundo essa autora, em função do avanço do capitalismo industrial do início do século XX, da ação do proletariado urbano e das imigrações em massa de populações de várias partes do mundo, motivaram os movimentos de educação de massa.

O movimento de educação de massa não surgiu da mobilização dos trabalhadores, muito menos da parcela analfabeta da população. Azevedo (2001) esclarece que tal movimento representou a coalizão de forças de grupos industrial-operariado-urbanos que desencadearam ações de cunho nacionalista que visavam a reestruturação do poder em oposição às elites oligárquicas que dominavam o poder estatal naquele momento. Nesse sentido, muitos setores da sociedade foram acionados que segundo Azevedo (2001, p. 250):

No campo educacional, essas forças vão pugnar pela escolarização das massas, mediante campanhas de alfabetização, e pela universalização do ensino primário. Cobravam-se ações do poder central tanto no sentido de prover fundos quanto no de estabelecer uma política nacional de educação.

Observa-se na argumentação de Azevedo, que o movimento pela educação da classe trabalhadora, assim como, de grande parte da população, é legítimo como uma forma de equalizar o acesso ao ensino elementar necessário ao trabalho e a vida em sociedade. No entanto, a má qualidade não foi superada ao longo da história e vem se agravando com o afastamento dos jovens e adultos da escola, o que tem alimentado o trabalho informal, a criminalidade entre outros problemas que afetam a sociedade e que tendem, como já vimos com as medidas do governo, a se agravar.

Esse é justamente o problema que norteia este artigo, sobre o qual questionamos: A situação da Educação de Jovens e Adultos tem possibilidade de promover a mobilização de professores, gestores e sociedade em prol da qualidade do ensino? Essa questão foi elaborada em função da situação já elucidada no início desse artigo e também pela conjuntura dessa modalidade na Região Metropolitana de Belém – RMB, a qual reúne cinco municípios (Belém, Ananindeua, Marituba Benevides e Santa Bárbara). Em Belém, por exemplo, o atendimento na EJA encontra-se em torno de 66%, segundo dados do Plano Municipal de Educação 2015-2025 (PME). No entanto nos demais municípios da região, a situação de baixa qualidade é preocupante, considerando os dados apresentados pelo Observatório das Metrôpoles na publicação "Belém: transformações da ordem urbana" de 2015,

Tabela 01: Indicadores educacionais da RMB – 2010.

MUNICÍPIOS	Número médio de anos de estudo de crianças nos anos iniciais do EF até completar 18 anos	População com 25 anos ou mais de idade que não sabe ler nem escrever um bilhete.
	2010	2010
ANANINDEUA	9,65	4,2
BELÉM	9,64	3,99
BENEVIDES	9,42	8,71
MARITUBA	9,2	5,9
SANTA BÁRBARA DO PARÁ	8,88	11,03
ESTADO DO PARÁ	8,49	14,98

Fonte: Belém: Transformações da ordem urbana – 2015.

Observa-se na Tabela 01 que as pessoas levam em média nove anos para completar sua escolarização nos anos iniciais na Região Metropolitana de Belém, os dados revelam sucessivas retenções e abandonos da educação escolar ao longo da vida inicial. O documento apresenta também o nível de analfabetismo da população com 25 anos, o qual destaca o município de Santa Bárbara do Pará com 11,03% da população que se encontram nessa situação, seguido de Benevides com 8,71% e Marituba com 5,9%.

Dessa forma, é possível afirmar que a precarização da Educação de Jovens e Adultos é real e histórica, considerando que o estado como mantenedor do governo e condutor político de ações públicas não tem conseguido garantir direitos às pessoas jovens e adultas, as quais estão envolvidas "no seio das relações sociais de produção, marcadas pela exclusão e marginalização da maioria da população" (COSTA, 2013, p.60).

O objetivo do presente artigo é entender a relação entre má qualidade e mobilização, e sua afinidade com a qualidade do ensino, o qual se utilizou de uma análise crítico-interpretativa que nos exigiu capacidade de, no contexto do texto, atribuir objetividade, explicação e justificativa plausíveis ao entendimento do problema e para validação da temática à Educação de Jovens e Adultos em torno da conjuntura na qual foi produzida (MARCONI; LAKATOS, 2003).

O estudo que originou o presente artigo foi desenvolvido na disciplina Política Educacional no curso de Pedagogia de uma Instituição de Educação Superior (IES) localizada na Região Metropolitana de Belém, os dados foram coletados em uma escola de cada município que compõe a referida região, considerando o debate sobre a atual política educacional do país e seus reflexos sobre os níveis e modalidades da educação nacional, dos quais a Educação de Jovens e Adultos destacou-se pelas informações que evidenciam a problematização tratada no presente estudo.

QUANDO AS FLORES FALAM OU SOBRE A POSSIBILIDADE DE MOBILIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

[...] aprendendo e ensinando uma nova lição.

Geraldo Vandré

Tempos sombrios combatem-se com esperança e luta, a música de Geraldo Vandré nos licencia a continuar a aprender lições que se materializam na convivência com sujeitos diversos que envolvidos em situações de exclusão, buscam na educação uma saída para os problemas que os envolvem e que, de certa forma, tira-lhes a possibilidade de se tornarem sujeitos de direitos, conforme lhes conferem as diversas leis, especialmente a Constituição de 1988.

Destaca-se em relação a esse documento que, somente a partir de 1988, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser obrigação do Estado, sendo ampliada sua responsabilidade não só pela educação das crianças e adolescentes, mas para todos que por algum motivo não concluíram seus estudos em idade estabelecida por lei. No artigo 208, inciso VII fica claro também o caráter assistencialista que ampara a modalidade, o qual define "atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde" (CONSTITUIÇÃO DE 1988, ART. 208).

Observa-se a partir dessa análise que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, nasceu sob o signo da exclusão, sendo direcionada a suplência como forte apelo à formação de mão de obra com formação mínima a fim de atuar de forma barata, com salários baixos e em condições exíguas de trabalho. Assim, mesmo com as garantias definidas pela Constituição de 1988, essa modalidade ainda carece de apoio para que seus objetivos sejam atingidos, pois ainda existem populações do estado do Pará que não têm acesso a essa modalidade. Na tabela 02, pode-se ver as populações que ainda carecem de atendimento na Educação de Jovens e Adultos no estado do Pará.

Tabela 02: Demanda por EJA nas populações da Amazônia paraense

Público Prioritário	Demanda
Egresso do Programa Brasil Alfabetizado	2.398

Estudantes das Comunidades Rurais	6.880
Quilombolas	460
Indígenas	1216
Pessoas Privadas de Liberdade	2.762
Total	13.716

Fonte: SEDUC/CEJA (2015)

Observa-se na referida tabela que a demanda estagnada e aguardando por atendimento é bastante expressiva, mas que infelizmente não foi atendida. A nota técnica explicativa da Coordenação de Educação de Jovens e Adultos ao Ministério da Educação sobre o financiamento ao atendimento na modalidade aponta que do total de 13.716 alunos, foram matriculados 65%, perfazendo 8.916 atendidos.

Essa informação mostra que a Educação de Jovens e Adultos, além dos problemas que há muito rodeiam essa modalidade, hoje é pressionada por demandas fora do circuito urbano, pois, essa é mais uma característica dessa modalidade, acontecer nas cidades, uma vez que é onde a mão de obra é mais requisitada e por isso a exigência de maior qualificação dos trabalhadores. No entanto, há que se registrar que é crescente a demanda de outros contingentes populacionais que requerem do Estado a EJA como um direito, conforme observado no referido quadro.

Arroyo (2014) salienta que tais contingentes são aqueles a quem historicamente foi negado o direito à educação, são coletivos de camponeses, quilombolas, indígenas, mulheres, aprisionados, enfim muitos a quem a educação não foi ofertada e que hoje exigem, mesmo que tardiamente, que seu direito seja cumprido. O autor argumenta que esse movimento não é um acaso. Desde a década de 1990, vem ocorrendo profundas transformações nas consciências, especialmente das populações em busca da garantia de direitos, influenciadas pela ação dos movimentos sociais que têm se mobilizado no sentido de reivindicar, requerer e garantir direitos.

A tomada de consciência dessas populações mantidas por séculos sem direito a ter direitos ao teto, à escola, à terra, à saúde, à escola, à igualdade e à cidadania plena se fazem presentes em ações e movimentos, em presenças incômodas que interrogam o Estado, suas políticas agrárias, urbana, educacional. Interrogam à docência, o pensamento pedagógico, as práticas de educação popular e escolar (ARROYO, 2014, p.9).

São esses sujeitos que estão falando e requerendo seus direitos nas ruas, nas passeatas, nas greves, nas ocupações, enfim nas variadas formas de mostrar sua insatisfação com a condução política, social e cultural da sociedade, em especial da sociedade brasileira, mas que ainda falta muito para que se consiga com plenitude a consagração dos direitos definidos por lei.

A materialização e compreensão das palavras de Arroyo podem ser observadas nos números apresentados na tabela 02 que apontam a demanda de 1.216 índios a serem matriculados, dos quais, segundo a Nota Técnica da CEJA (2015), foram atendidos 59,7 % de indígenas previstos na demanda, a qual atingiu 12 aldeias indígenas nos municípios de Cumaru do Norte, Ourilândia do Norte, Oriximiná e em Altamira, em 25 turmas, sendo que 514 índios no Ensino Fundamental maior e 213 no Ensino Médio EJA, conforme mostra o gráfico 01.

Entretanto, a que se perguntar: será que os órgãos públicos fazem isso deliberadamente? Essa questão pode ser respondida a partir da visão na qual o Estado vem cumprindo a ordem neoliberal, ao se eximir de suas funções com a sociedade, mas que é pressionado pelos movimentos sociais e pelas mobilizações em torno da garantia de direitos, aspecto esse que vem se fortalecendo recentemente na política brasileira,

Isso diz respeito principalmente às últimas três décadas da história nacional quando houve grande mobilização política, social e cultural, ainda que com diferentes ritmos e intensidades durante todo este período. Movimentos sociais em torno da questão urbana, pela inclusão social, por moradia, contra a violência; pela melhoria da saúde pública; por melhores condições nos presídios; pela preservação e defesa da cultura local e das etnias dos povos, por último, movimento e mobilização na área rural por reformas, pelo *movimento dos sem-terra* (BRITO; PASSOS, 2014, p.29).

Observa-se que os sujeitos estão em movimento em prol da garantia de seus direitos, dentre estes, a educação, que é um dos mais requeridos, considerando que no processo de mobilização está implícito um processo educativo transformador, já que tal aprendizagem se dá para além da educação escolar, sobre o qual Gohn (2011, p.333) salienta que "há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal". A mobilização em torno de mais qualidade para educação escolar ultrapassa seus limites e isso tem sido representado pela ação dos movimentos sociais que cumprem a função de instigar os diversos setores da sociedade para estarem atentos aos agravos dos direitos e que levam a cumprir função educativa estabelecendo que a,

[...] relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações (GOHN, 2011, p.334).

A percepção de Maria da Glória Gohn é pertinente para refletirmos sobre o papel da mobilização na Educação de Jovens e Adultos que é histórica e tem contornos diferenciados, pois como se viu na reflexão de Azevedo (2001), a educação de massa foi objeto de movimentos sociais diferenciados ideologicamente e que produziram diferentes sentidos à essa educação. Scortegagna e Oliveira (2006, p.1061-1062) apontam que a educação de adultos sempre foi alvo de interesses de grupos e movimentos sociais por identificar que, "[...] distintos movimentos sociais e estruturas internacionais, num verdadeiro choque político e ideológico, em volta da exigência ou não de definir políticas e atuações para esta área".

Para o bem ou para o mal, a influência dos grupos e movimentos sociais na Educação de Jovens e Adultos tem produzido diversos efeitos que avançam e retrocedem no processo de consolidação dessa modalidade. No entanto, a que se destacar que a ação de pessoas e movimentos que visam a emancipação e autonomia dos sujeitos da EJA tem feito a diferença no avanço das possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos e da própria modalidade, mesmo considerando o que Arroyo (2005, p.222) afirma ao identificar os tempos de extrema exclusão nos quais vivemos atualmente, mas que o pensamento pedagógico progressista tem cumprido seu papel de mobilizador e articulador de ações para além da educação formal com estratégias criativas, inovadoras e comprometidas com a transformação do *status quo*, que segundo o autor "É outra história na contramão da história oficial, com concepções e práticas por vezes paralelas".

"as flores no chão"... Ouvindo sujeitos no chão da Educação de Jovens e Adultos na Região Metropolitana de Belém

Ao logo de nossa reflexão sobre a precariedade, mobilização e qualidade na Educação de Jovens e Adultos observamos que os sujeitos sociais não estão parados esperando pela ação política dos agentes governamentais, estes estão se mobilizando em prol do atendimento com qualidade. Observou-se o papel protagonista dos movimentos sociais ao requererem direitos legítimos da sociedade para os concretizar na pressão por políticas públicas de atendimento na modalidade de educação de adultos, conforme visto na mobilização dos povos indígenas e outras populações da Amazônia.

No entanto, os dados coletados durante a presente pesquisa, revelam profunda situação de precariedade em que a Educação de Jovens e Adultos está envolvida nas redes públicas na Região Metropolitana de Belém. A pesquisa aconteceu durante a disciplina Política Educacional do curso de Pedagogia em uma IES, no segundo semestre de 2016, sendo que os depoimentos coletados têm consentimentos dos entrevistados, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa visou situar os alunos quanto às políticas implementadas nas escolas da RMB em cada nível e modalidade da educação básica que no geral, constatou-se o sucateamento e a precariedade da educação básica como um todo, pois em todos os níveis e modalidades investigados, observou-se a ausência de políticas públicas, como também um amplo cenário de protagonismo da escola realizando ações para manter a educação

com o mínimo de qualidade.

Especificamente sobre a Educação de Jovens e Adultos como já informado, a pesquisa abrangeu os municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara do Pará e teve como procedimento a aplicação de um questionário com 10 questões e uma entrevista com cinco questões semiestruturada que contou com a intervenção dos alunos-entrevistadores que conversaram com seis professores, sendo que quatro eram de Belém, Marituba, Benevides e Santa Bárbara do Pará e dois eram de Ananindeua. A pesquisa previa que fossem entrevistados gestores das escolas, mas os mesmos não aceitaram participar e indicaram professores para concederem as entrevistas.

O perfil dos professores era constituído por 04 mulheres e 02 homens, sendo que os seis professores possuíam nível superior em Pedagogia ou Licenciaturas diversas. O perfil das escolas onde esses professores atuam foi caracterizado por pertencerem às redes públicas e mantendo turmas de 1ª a 4ª etapas que variaram entre 02 e 10 turmas de EJA. No entanto é necessário destacar que somente uma escola mantém 10 turmas, as demais têm no máximo 06 turmas, mostrando que o acesso e a permanência são abalados por problemas de ordem social que impedem o estudante da EJA manter-se e concluir seus estudos. Abalado por problemas de ordem social que impedem o estudante de ejavistas.uais assinaam NNN Nas entrevistas com os professores, observou-se que estes atribuem essa situação à ausência de apoio governamental para a modalidade, o que causa a evasão escolar, além da violência, a qual, os professores dizem ser um fenômeno externo à escola, mas que influencia na permanência dos alunos, conforme relatam,

"A falta de apoio governamental, uma educação mais específica para jovens e adultos e um apoio de fato e de direito, pois o governo diz que faz, mas quem faz são os professores que procuram fazer o melhor por esses alunos, pois o material que é dado para EJA é muito fora da realidade. A falta de apoio do governo de uma política voltada para educação deles compatível e com a idade deles" (PROFESSOR BL).

"De certa forma, as políticas têm deixado a desejar, deveriam ter bastantes projetos e deveriam ter coisas voltadas para o lado prático, até por que eles são adultos, voltados para essa educação [...]. Aproveitamos essa situação para discutir com os alunos a realidade em que eles vivem, pois, a escola fica numa área "vermelha" e isso é muito grave e precisa ser discutido com os alunos, principalmente porque eles estudam à noite" (PROFESSORA SBP).

As vozes desses educadores são preocupantes, porque o número de turmas da EJA é cada vez menor e ao longo do ano letivo sofrem com a evasão provocada pela violência, pelo desemprego e o trabalho informal. A pesquisa investigou os motivos pelos quais os alunos abandonam a escola e os professores foram enfáticos em afirmar que esses aspectos assinalados são decisivos na abdicação da escola na visão dos 06 professores.

Padilha (2010, p.550) salienta que esses aspectos são influências de um cenário ampliado de baixa qualidade que ocorre no mundo do trabalho que atinge a educação em cheio, uma vez que desestimula os sujeitos ao estudo e capacitação, já que estão inseridos "num contexto socioeconômico mais desfavorável aos não-qualificados, impõe trabalhos precarizados a uma enorme camada da população".

O embate entre precarização e qualidade é um desafio constante na escola, em especial na Educação de Jovens e Adultos. Pela verificação realizada, observou-se que os sujeitos da EJA se sentem abandonados pelas autoridades, pois dos 06 sujeitos investigados, 05 disseram que não existe apoio financeiro para a Educação de Jovens e Adultos, além de afirmarem que garantem a sustentabilidade da modalidade através da realização de promoções ou mesmo segue sem apoio algum, mostrando que a situação dessa modalidade é para além da da ausência de qualidade.

Costa (2013, p. 71) analisa que a situação atual de profunda precariedade da escola de adultos tem sua origem no modelo de capitalismo vigente que não se restringe somente ao trabalho e à produção. Esse modelo atinge os agentes indiretos, como a educação, a qual deve se limitar a oferecer o mínimo à classe trabalhadora como uma forma de mantê-la submissa a essas condições, considerando que isso se constitui uma "lógica perversa de intensificação da exploração dos trabalhadores, impõe-se a essa classe uma situação de subemprego e desemprego de grande parte da população dos países subordinados economicamente".

Esse sentimento de abandono que prevalece entre as escolas da RMB é algo que marca decisivamente a qualidade, fazendo com a que a escola fique paralisada pela falta de apoio às situações de risco que rondam as escolas, como expressa a professora AN em relação a violência urbana que atinge sua escola que se localiza na BR 316 e com o trânsito intenso da referida rodovia ao expressar que "Sim, se mobiliza, através da ronda escolar, acionando a polícia, quando ela vem dá esse apoio. Quando ela não vem, fica assim mesmo".

Observa-se que o sentido de mobilização expresso pela professora é instrumental e não de mover ações junto à comunidade a fim de resolver os problemas que assombram a escola, na qual apresenta-se uma imobilidade no sentido de aguardar pela ação das autoridades, mesmo sabendo que as providências não serão tomadas. O documento "Belém: Transformações na ordem urbana" de Cardoso; Lima; Ribeiro (2015) aponta que o aumento da violência urbana na RMB no período entre 1980 e 2010 foi justamente com os jovens na faixa etária entre 15 e 39 anos que ultrapassa os 15% na relação a outras anomalias sociais identificadas no documento, mostrando que a violência que atinge a EJA é real e compromete a condução dessa modalidade, até pelo horário que acontece, que geralmente é o noturno.

A evasão e a violência são os motivos que mais fragilizam a EJA na Região Metropolitana de Belém, mas não é só isso, já que os professores se ressentem da ausência de políticas de apoio ao desenvolvimento do ensino, uma vez que as escolas carecem de

"[...] violência externa que é constante e colocam em perigo os alunos e tem causado muitas desistências, pois os alunos se sentem inseguros com a violência e com os assaltos no entorno da escola, apesar de ser localizada na BR, isso não é vantagem em relação aos assaltos que ocorrem" (PROFESSORA AN).

Os professores em todas as escolas entrevistadas veem-se como protagonistas do processo de ensino, pois não conseguem o apoio necessário para seu trabalho e que acabam assumindo a direção do processo pedagógico, realizando atividades e incentivando a participação deles, a estada deles na escola e não deixar os alunos abandonarem a escola.

Essas ações coletivas ou isoladas no interior da modalidade de Educação de Jovens e Adultos projetam-se em diversas ações que culminam na permanência dos alunos e sua conseqüente conclusão, como pode ser observado nas vozes dos professores:

"Incentivando que os alunos participem dos diversos projetos na escola e através de conversas com o corpo técnico" (PROFESSOR BL).

"[...] o aluno passa de etapas e até chegar no Ensino Médio, até por que eles são alunos migrantes do ensino fundamental com muitas dificuldades e em muitos casos até chegam a entrar numa faculdade. Aqui na escola, muitos alunos de EJA concluíram o Ensino Fundamental e Ensino Médio e alguns passaram no ENEM, mas pelo esforço da escola e não das políticas" (PROFESSOR AN).

É possível ver que os professores inovam nas práticas para fazer com os alunos permaneçam na modalidade, mas não são ações institucionalizadas, já que, a certificação intermediária evidenciada na voz da professora SBP, por exemplo, não é possível pelas regras de conclusão de cursos prevista na LDBEN e diretrizes curriculares, mas a escola incentiva seus alunos antes que abandonem a escola e isso precisa do olhar atento do sistema educacional, não para punir, mas para organizar e valorizar o protagonismo da escola, além do esforço de fazer com que os alunos atinjam outros níveis de ensino, não por meio de políticas, mas pelo esforços de professores e diretores que atuam na modalidade de Jovens e Adultos.

Outro aspecto revelado nas vozes dos professores entrevistados foi a inserção de pessoas cada vez mais jovens, o que está exigindo outros procedimentos da EJA em relação aos estudantes entre 15 a 17 anos que saem do Ensino Fundamental por motivos variados, como

O aluno só procura a EJA para questões de trabalho, tudo isso acarreta problemas para a EJA. Elas contribuem para a manutenção da modalidade da EJA. Mas o problema é que o aluno é trabalhador e tem a distorção série-idade e que precisamos de professores e currículos adequados a essa clientela (PROFESSORA MT).

O que mais me incomoda é a falta de estrutura, investimento e espaço para que os alunos tenham mais incentivo para estudar, pois muitos são

trabalhadores e não têm motivação para estudar, além da escola ter mais jovens do que adultos e eles desistem muito rápido de estudar [...] A escola tem se mobilizado, tentando atrair projetos e programações, como também encontros para discutir a evasão e a violência no entorno da escola que é muito grande (PROFESSOR BN).

É possível perceber nas vozes dos professores que os motivos da chegada de sujeitos cada vez mais jovens na EJA é uma mudança real na atualidade, já que essa modalidade tradicionalmente era destinada a pessoas maduras e que hoje, como expressam os professores, estão fugindo da distorção série-idade, buscando pela via da educação, maiores oportunidades de emprego. No entanto, a escola ainda se vê incapaz de manter os alunos, já que, mesmo com estratégias diversificadas, estas não garantem que os alunos mais jovens concluam seus estudos, o que na visão de Guimarães e Duarte (2008, p.2) isso revela uma subjetivação da condição juvenil em relação à educação, uma vez que esses jovens que desistem são oriundos de um contexto de profunda desigualdade social e que a escola quer compreendê-los a partir de suas

[...] condições objetivas e subjetivas em que se movimentam. Embora imersos em condições objetivas, os jovens apresentam inserções singulares e, assim, subjetivamente experimentam e elaboram, em termos de concepções e ações, a situação de classe, as condições de gênero e etnia, as formas de vivenciar a violência e a insegurança no espaço urbano e os modos de acesso aos bens materiais e simbólicos que circulam nas sociedades das mercadorias.

Essa é uma condição para compreensão desses sujeitos que estão chegando na modalidade de jovens e adultos e que a escola por vezes, ao invés de criar estratégias para mantê-los, acabam por afastar por suas práticas tradicionais e de homogeneização de pessoas que buscam solidificar suas identidades, mas que têm mais fatores contra do que a favor de seu amadurecimento. Dessa forma, fica implícito que é fundamental a formação de professores e gestores que discutam essa característica da EJA na atualidade, refletindo sempre aspectos referenciados pelos autores relacionados às relações sociais em que esses jovens estão envolvidos.

*Nesse país pro preto pobre todo dia é uma briga
Sem garantia,
Mas nessa briga,
a gente lida,
Precisamos viver, só assim nossos herdeiros terão
Dois caminhos pra escolher [...] Ganhe espaço se fortaleça*

Mr. Dick (2009)

O trecho da música do grupo de Reggae Mr. Dick de 2009 é uma representação de que a Educação de Jovens e Adultos está envolvida, mas não está morta, pois como se observou ao longo do texto, os professores, mesmo sem as condições objetivas, realizam um protagonismo quase que heroico em função da melhoria da qualidade que não é oferecida pelas políticas públicas ou pelo estado nos municípios onde atuam.

"Professores se tornem mais próximos dos alunos porque precisam desse olhar dos alunos, nas sextas-feiras a escola oferece curso de informática básica para os alunos, para que no futuro eles possam reconhecer o valor da escola" (PROFESSORA MT).

"Com a realização de projetos, como feira da cultura, jogos e outras atividades. Nas sextas trabalhamos aqui na escola com a reciclagem e eles se interessam muito por essa atividade" (PROFESSORA SBP).

"Ampliar o espaço educativo por parte da prefeitura, pois mesmo sem investimento e apoio financeiro os alunos vêm se matricular e se tivessem biblioteca, sala de informática, esporte, a EJA seria melhor. Nós proporcionamos apenas um café para eles, realização de rodas de conversa. Eles não gostam de desenhar, eles gostam mais e escrever e ler e é isso que faço, por que é isso que eles gostam, até em matemática eles gostam de assistir vídeos sobre problemas matemáticos e assim serão em outras disciplinas. Eu sou músico e levo a música para a sala de aula e eles gostam disso" (PROFESSOR AN).

Essas vozes refletem a iniciativa dos professores e das escolas que mantêm a Educação de Jovens e Adultos com ações criativas, mas que não desobrigam o poder público de oferecer melhores condições de estudo para os alunos. Uma das saídas para atrair os alunos é a realização de ações voltadas à apropriação da tecnologia e reciclagem na forma de cursos de informática e oficinas, ações que deveriam estar incorporadas ao projeto Pedagógico da escola e no currículo, mas se observa que correm paralelas ao ensino e não integradas a ele.

Outro destaque é a ausência de merenda escolar para os alunos da EJA, que hoje, essa alimentação já é amparada por lei, mas que na prática não existe como informa o professor AN ao deixar bem claro ao afirmar que "Nós proporcionamos apenas um café para eles". A mobilização das escolas em prol da Educação de Jovens e Adultos tem que incorporar isso às suas lutas, pois não dá para fazer educação com qualidade, quando as pessoas estão com fome e desgastadas.

Nem tudo está perdido na EJA, o protagonismo dos professores é algo impressionante, uma vez que mesmo em um cenário de qualidade duvidosa, a esperança vem pelas mãos da arte, negando a infantilização que ainda teima em existir nessa modalidade e avançando na reafirmação da identidade de quem quer ler e escrever para seguir seus caminhos, mesmo que "nadando contra a maré", como afirma Mr. Dick no título de sua música.

"A ESPERANÇA DANÇA NA CORDA BAMBÁ DE SOMBRINHA [...11]" E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS INSISTE EM EXISTIR...APONTAMENTOS À LUTA

Essas constatações apontam para um contexto nacional agravado pelas medidas de ajuste fiscal que vêm tomando conta do país e ameaçando os poucos avanços que a educação nacional tem conseguido nos últimos treze anos, os quais tendem a desaparecer e dificultar ainda mais o cenário precário existente nas escolas como foi possível observar ao longo deste artigo.

A mobilização dos movimentos e fóruns de EJA pelo Brasil tem se posicionado em relação ao desgaste dessa modalidade e mobilizando sujeitos e escolas a reivindicarem maior qualidade à educação de adultos. O Fórum Estadual de EJA de Minas Gerais (2016) em análise sobre os efeitos da PEC 241 (55) sobre o setor educacional assinala que a diminuição de recursos no Fundo da Educação Básica (FUNDEB) por parte do governo federal previsto no referido instrumento é avaliada como perverso, pois impedirá o acesso de aproximadamente de 3,5 milhões de estudantes entre crianças, adolescentes, jovens e adultos.

O atual panorama da educação nacional apresenta-se muito pessimista, pois as medidas previstas pelo atual governo brasileiro pregam uma economia que restringe direitos dos que mais precisam de desenvolvimento. Ao decretar 20 anos de cortes nos investimentos em educação e saúde, estará decretado um estado de crise social sem precedentes. No Pará, outras ameaças se conformam em torno da EJA, ao arrolarem essa modalidade no Projeto Mundial, o qual prevê educação a distância, substituindo professores por tutores, tomando o que já não é bom, em algo muito pior, já que a substituição do professor por recursos midiáticos torna o ensino impessoal e mecanizado, entre outras questões que estão implícitas a essa forma de promoção da educação.

Portanto, as constatações aqui analisadas confirmam um estado profundo de precarização e baixa qualidade, mas que não representa que professores e gestores estejam parados. Observou-se nas escolas da Região Metropolitana de Belém que os professores exercem protagonismo em função do acesso e permanência dos alunos e o fazem independentemente de apoio do poder público, mesmo em condições inóspitas, a Educação de Jovens e Adultos segue sua missão, sem esquecer que será preciso lutar muito e se *equilibrar na corda bamba de sombrinha* para poder continuar

a existir. E disso não temos dúvidas que a luta vai continuar pela qualidade e o direito de se mobilizar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2ª edição, 2014. 336p.

ARROYO, Miguel G. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. In: UNESCO. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos** — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. 221-230pp. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index>. Acesso em 17 nov 2016.

AZEVEDO, Janete Maria Lins. O Estado, a política e a regulação do setor educacional no Brasil: uma abordagem histórica. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Angela da S. (Orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2001. – 2.ed. p.17-42.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal:1988.

BRASIL. **Proposta de Emenda Constitucional Nº 55/2016**. Disponível em <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>. Acesso em 13 nov 2016.

BRITO, Adriana Nunes Mendes de; PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. **Movimentos sociais no Brasil de 2008 a 2013: Um brevíssimo exame da literatura sobre sua influência na formulação das políticas públicas**. Revista TCE | Tribunal de Contas do Estado do Piauí. 2014.

CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Belém: Transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015.

COSTA, Cláudia Borges. **Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o mundo do trabalho: trajetória histórica de afirmação e negação de direito à educação**. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 10, n. 15, jul/dez. 2013. 59-83p. disponível em <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article>. Acesso em 13 nov 2016.

FÓRUM ESTADUAL DE EJA DE MINHAS GERAIS. **2ª Nota Pública do Fórum Estadual de Educação de Minas Gerais – Contra a PEC 241, por nenhum direito a menos. 2016. Enviado por e-mail: analiseforummineiro@gmail.com em 11 out 2016.** GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, maio-ago. 2011. 333-513pp. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em 17 nov 2016.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; DUARTE, Aldimar Jacinto. **Jovens da Educação de Jovens e Adultos (EJA): Escola e o trabalho na mediação entre o presente e o futuro**. Caxambu/MG: 31ª Reunião da ANPED, 2008. Disponível em <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT18-3968-Int.pdf>. Acesso em 21 nov 2016.

INEP. **Censo educacional 2015**. MEC. 2015. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em 13 nov 2016.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 5. ed. 2003.

PADILHA, Valquíria. **Qualidade de vida no trabalho num cenário de precarização: A panaceia delirante**. Rio de Janeiro: Trab. Educ. Saúde, v.7 n.3, nov/fev, 2009.2010. 549-563pp. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n3/09.pdf>. Acesso em 13 nov 2016.

SANTOS, Juliana Silva dos. **Esperança e utopia, continuidade ou abandono**: Escolhas dos sujeitos estudantes da EJA no que implica suas trajetórias educativas. IX Seminário Nacional em diálogos em Paulo Freire: utopia, esperança e humanização. 2015. Disponível em https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/juliana_santos.pdf. Acesso em 21 nov 2016.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Uma análise histórico-crítica**. 2006. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-099-TC.pdf>. Acesso em 17 nov 2016.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ. **NOTA EXPLICATIVA Nº01/2015-CEJA/SAEN/SEDUC**. Belém/Pa: CEJA, 2014.

[1] Música cantada por Elis Regina em 1979, composta por Aldir Blanc e João Bosco.